



O LEITOR

ISSN 2965-3669

Ano IV - Nº 28

X@OLEITOROficial

Fevereiro 2025

JANE AUSTEN
—ABADIA DE NORTHANGER—

"A pessoa, seja cavalheiro ou dama, que não encontra prazer em um bom romance, deve ser intoleravelmente estúpida."

NESTA EDIÇÃO

| | |
|---------------------------------------|---|
| A prevaricação moral de Darcy | 1 |
| Editorial | 2 |
| Nossa Gramática | 2 |
| O Jogador | 3 |
| Um personagem que traduz o ser humano | 4 |
| O Silêncio das Horas Mortas | 5 |
| A retrospectiva de Brás Cubas | 6 |
| Fantoches e outros contos | 7 |
| Duas mulheres machadianas | 8 |

A P R E V A R I C A Ç Ã O M O R A L D E D A R C Y

Fitzwilliam Darcy é, sem dúvida, um dos personagens mais emblemáticos de *Orgulho e Preconceito*, e sua trajetória revela uma profunda complexidade moral, especialmente quando se analisa a prevaricação moral inerente às suas atitudes iniciais.

No início do romance, Darcy é apresentado como um aristocrata orgulhoso, cuja postura alta e quase intransigente o distancia não apenas das demais classes sociais, mas também de uma percepção mais humana e empática. Essa atitude pode ser interpretada como uma forma de **prevaricação moral** – uma falha ética que o impede de cumprir plenamente os padrões de justiça e consideração que se esperam de alguém com sua posição. Seu olhar crítico sobre a família Bennet e outras pessoas de posição social inferior revela um preconceito velado, que o faz agir de maneira injusta e desprovida de sensibilidade. Ao colocar o status e as apariências acima das qualidades humanas essenciais, Darcy se mostra incapaz, inicialmente, de reconhecer o valor intrínseco dos outros.

A prevaricação moral de Darcy se manifesta, por exemplo, em sua relutância em aceitar relações que não se coadunem com as convenções de sua classe. Sua resistência em enxergar a dignidade e a inteligência de Elizabeth Bennet, por trás de sua origem humilde, evidencia um comportamento falho: ele opta por manter uma distância que, na prática, traduz seu desprezo e sua incapacidade de reconhecer o mérito pessoal alheio. Essa postura não só prejudica as relações interpessoais, como também o impede de uma autorreflexão que seria necessária para o seu desenvolvimento moral. Essa inaptidão inicial para avaliar as pessoas de forma justa

e sem preconceitos mostra um homem que, apesar de suas qualidades inegáveis, falha em cumprir com as responsabilidades éticas que sua posição de destaque deveria demandar.

Contudo, o processo de amadurecimento de Darcy é um dos pontos altos do romance. O relacionamento com Elizabeth funciona como um catalisador para sua mudança interior. Confrontado com uma visão de mundo mais crítica e justa, Darcy passa a reconhecer seus erros e a trabalhar para superá-los. Essa transformação é fundamental para desconstituir a prevaricação moral que o marcava, evidenciando que, embora inicialmente ele se desvie dos padrões éticos esperados, é possível alcançar uma evolução que o conduza a comportamentos mais íntegros e altruístas. Assim, Darcy não é um vilão imutável, mas um ser humano sujeito a falhas, capaz de autoavaliação e mudança.

A análise do personagem Darcy, com ênfase na sua prevaricação moral, revela como Jane Austen utiliza a figura do aristocrata orgulhoso para criticar não só os excessos da sociedade de sua época, mas também as limitações éticas que podem advir de um sistema social rigidamente hierarquizado. Ao evidenciar tanto os erros morais iniciais quanto a possibilidade de redenção através da introspecção e do relacionamento humano genuíno, Austen constrói um retrato complexo do que significa ser moralmente imperfeito e, ao mesmo tempo, capaz de evoluir. Darcy, portanto, permanece como um exemplo atemporal da luta interna entre os vícios sociais e a busca por uma conduta mais justa e compassiva.

Klaus Tolst
tolst.klaus@hotmail.com

EDITORIAL

Caríssimo leitor.

A “saga” desbravadora destes escritores a que nos empenhamos neste ano já está rendendo muitos frutos e muitos textos. Realmente é impressionante o quanto uma pequena obra pode nos trazer grandes reflexões e análises, revelando não somente o pensamento do escritor, mas também outras características do seu tempo, do seu estilo, da civilidade social de sua época e tantas outras coisas que podemos extrair de um romance, ou de uma aventura histórica, ou mesmo de algum conto fantástico.

É com este entusiasmo que nossa equipe de colaboradores está todos os meses buscando produzir e selecionar o que de mais interessante poderia servir aos leitores apaixonados por literatura.

Vejamos a obra de Alexandre Dumas, *O Conde de Monte de Cristo*. Apesar de anos que nos separam de sua publicação, as características que nos apresentam os personagens e as consequências de suas ações nos fazem entender perfeitamente o

quanto uma obra pode ser atemporal, precisamente por revelar o mais verdadeiro da existência humana, mesmo as atitudes mais odiosas e covardes que podemos encontrar no decorrer da trama.

Enfim, todo leitor que já possui certa bagagem entende que dos livros sempre algo se extrai, sempre algo podemos aproveitar, por isso não é verdadeira aquela afirmação de que “existem livros nos quais perdemos nosso tempo”.

Quem perde tempo com o livro lido, é porque desejava encontrar somente o que já definia em sua mente.

Ler um livro sempre é lançar-se na mais espessa neblina em busca de uma pequena chama.

Editor



G Nossa Gramática

Abaixo ou A Baixo?

Os termos "abaixo", escrito junto, e "a baixo", escrito separado, costumam confundir quando vamos escrever um texto.

No entanto, eles são usados em contextos diferentes. Para que você não erre mais, confira abaixo as regras, os usos e alguns exemplos.

Abaixo

O termo "abaixo", escrito junto, faz referência a algo que esteja numa posição inferior. Portanto, essa palavra é sinônima de "embaixo", "debaixo", "sob", "por baixo", etc.

Embora seja mais utilizada como advérbio de lugar, esse vocábulo também é utilizado em situações que envolvem interjeições.

Exemplos:

Abaixo a Ditadura!

Veja abaixo um exercício sobre o tema da aula.

Na lista de convocados, seu nome está abaixo do meu.

Nesse semestre suas notas estão abaixo da média da classe.

Fizemos um abaixo-assinado para retirar o professor da disciplina.

Obs: Note que o termo “abaixo-assinado” leva hífen quando se trata da petição que reúne diversas assinaturas.

Por outro lado, se ele está sendo usado para indicar a pessoa que assina o documento é escrito sem o hífen:

*Tomás Souza, **abaixo** assinado, foi o responsável por esse abaixo-assinado.*

O JOAGADOR

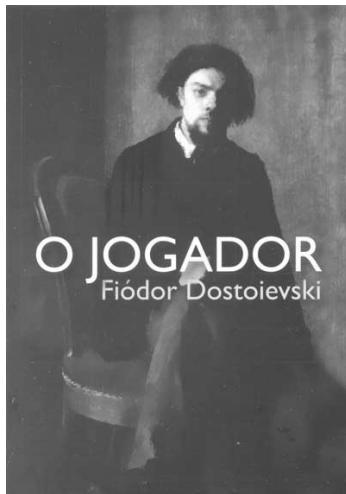
O Jogador, de Fiódor Dostoiévski, é uma obra que mergulha profundamente nos meandros da psique humana, explorando a compulsão e a autodestruição por meio do vício do jogo. A seguir, apresenta-se uma análise que abrange os principais aspectos do romance, destacando sua relevância literária, psicológica e social.

A obra foi escrita num período em que Dostoiévski enfrentava problemas financeiros e lutava contra seu próprio vício no jogo. Essa vivência pessoal confere ao romance uma autenticidade única, onde a experiência do autor se mistura à ficção para revelar a complexidade do comportamento humano diante da paixão pelo risco e da busca desesperada por redenção financeira. O cenário europeu do século XIX, marcado por intensas transformações sociais e pela ascensão do capitalismo, também permeia o enredo, sugerindo que o vício não é apenas uma fraqueza individual, mas um reflexo das pressões e incertezas do mundo moderno.

No coração do romance está o vício do jogo, apresentado como uma força irresistível que domina a vida dos personagens. O protagonista, Alexei Ivanovich, é retratado como um homem dividido entre o desejo de controle e a rendição ao impulso autodestrutivo. A narrativa expõe a luta interna entre a racionalidade e a irracionalidade, onde o jogo se transforma em uma metáfora para os riscos que o indivíduo corre ao se submeter às paixões desmedidas e ao acaso da existência.

O jogo, neste contexto, não é apenas uma atividade de lazer, mas um símbolo das relações de poder e da influência do dinheiro na vida dos personagens. A promessa de riqueza fácil contrasta com a realidade da miséria e da degradação, ressaltando a dicotomia entre a esperança de as-

censão social e o desespero provocado pela dependência financeira. Assim, Dostoiévski questiona a lógica capitalista e a ilusão de que o dinheiro pode ser a solução para todos os males, revelando a fragilidade dos vínculos humanos diante da sedução do lucro.



A construção psicológica dos personagens é um dos pontos fortes da obra. Dostoiévski explora as motivações internas, os dilemas morais e as contradições que marcam cada indivíduo. Alexei, por exemplo, oscila entre a paixão e o desespero, demonstrando uma profunda ambivalência: por um lado, ele anseia pelo sucesso e pela aprovação social; por outro, sente-se aprisionado por seus próprios impulsos, incapaz de romper com o ciclo vicioso do jogo. Essa tensão interna reflete a complexidade humana e a dificuldade de se encontrar um equilíbrio entre desejos pessoais e as exigências da sociedade.

O jogo não é o único elemento que impulsiona a narrativa; as relações afetivas e os jogos de poder emocional entre os personagens também ganham destaque. O amor, frequentemente idealizado e, por vezes, ilusório, mistura-se ao desejo de conquista e à autodepreciação, criando um ambiente onde a paixão se torna tanto uma força redentora quanto um fator de ruína. Essa dualidade ilustra como as emoções podem ser simultaneamente construtivas e destrutivas, alimentando os conflitos internos e as escolhas equivocadas dos protagonistas.

Dostoiévski emprega uma linguagem intensa e repleta de nuances, que revela tanto o frenesi emocional dos personagens quanto a crítica social implícita na narrativa. A obra mescla momentos de introspecção com cenas de tensão e ação, criando um ritmo que espelha a imprevisibilidade do jogo. O uso da ironia e do humor, mesmo em meio a situações de desespero, reforça a complexidade da condição humana, sugerindo que o caos interno pode ser tanto trágico quanto, em certa medida, cômico.

Além disso, a narrativa em *O Jogador* desafia o leitor a refletir sobre a natureza da liberdade e do determinismo. Os personagens parecem ser conduzidos por forças que escapam ao controle consciente, evidenciando uma visão fatalista do destino, onde as escolhas individuais são, em última instância, subordinadas a uma série de circunstâncias inevitáveis e imprevisíveis.

O Jogador é, portanto, uma obra multifacetada que vai muito além do simples relato de um vício. Ela é um estudo profundo sobre a fragilidade humana, a influência das paixões e a tensão entre o desejo de autonomia e as forças avassaladoras do destino. Ao retratar a luta interna de seus personagens, Dostoiévski não apenas denuncia os perigos do jogo, mas também convida à reflexão sobre os limites da liberdade e da racionalidade em um mundo regido pelo acaso e pelas incertezas. Dessa forma, o romance permanece atual, ressoando com leitores que, independentemente da época, se deparam com as complexidades e os paradoxos da condição humana.

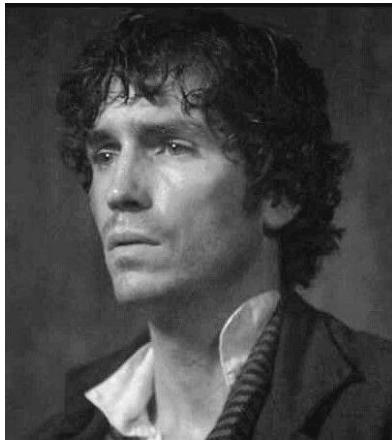
Grazia Romano

suporte@oleitor.info

UM PERSONAGEM QUE TRADUZ O SER HUMANO

Edmund Dantè é, sem dúvida, um dos personagens mais fascinantes e complexos da literatura, cuja trajetória em *O Conde de Monte Cristo* exemplifica de maneira profunda os dilemas éticos e existenciais que emergem do confronto entre a justiça, a vingança e a redenção pessoal.

Inicialmente, Dantè é retratado como um jovem íntegro e promissor, imerso na inocência de uma existência sem grandes angústias. Contudo, a traição sofrida e a prisão injusta que o acometem despertam nele uma série de conflitos internos que o obrigam a repensar não apenas seu destino, mas também os fundamentos de sua moral. A prisão, longe de ser apenas um castigo físico, representa um espaço de transformação onde o protagonista se vê forçado a encarar a própria fragilidade humana e a questionar a justiça do mundo que o condenou.



Durante o longo período de reclusão, o encontro com o abade Faria desempenha papel crucial na evolução de Dantè. Ao transmitir-lhe conhecimentos diversos e, principalmente, uma nova visão de mundo, o abade semeia as sementes de uma mudança radical. Contudo, essa mudança não ocorre sem antes desencadear um dilema ético profundo: a sedução do conhecimento e do poder se mescla ao sentimento de injustiça e ao desejo ardente de vingança. Dantè passa a conviver com a dualidade entre o ideal de justiça, que o

excomunga do passado, e a necessidade de punir aqueles que contribuíram para sua ruína.

Ao assumir a identidade do Conde de Monte Cristo, o protagonista se reconstrói e ressurge com uma nova personalidade, marcada tanto pela sagacidade e pela força quanto pela frieza calculista necessária para executar seu plano de retribuição. Nesse ponto, os dilemas éticos se intensificam. Por um lado, a vingança se apresenta como uma forma legítima de justiça diante de uma sociedade corrupta e desumana. Por outro, a rigorosidade e a implacabilidade de suas ações levantam questionamentos sobre os limites morais de se impor uma justiça pessoal, na qual o castigo pode se tornar tão desumano quanto a injustiça original.

Dentre os dilemas existenciais, destaca-se o confronto entre o determinismo e a liberdade individual. Dantè se vê como um instrumento de um destino inexorável, guiado por forças que parecem transcender sua vontade, mas, ao mesmo tempo, luta para afirmar sua autonomia diante do infortúnio que o aprisionou. Essa tensão revela uma inquietude existencial que permeia toda a narrativa: será que é possível, mesmo diante do sofrimento extremo e da perda, reencontrar a própria humanidade sem se deixar consumir pelo ódio e pelo desejo de vingança?

Outro aspecto relevante é a forma como Dantè encara as consequências de suas ações. Ao aplicar seu castigo, ele se depara com a realidade de que a vingança, embora inicialmente sedutora, pode desencadear um efeito cascata de sofrimento e destruição que ultrapassa os limites dos culpados originais. Em diversas ocasiões, o Conde se vê diante do custo moral de suas atitudes, questionando se a implacabilidade de sua justiça pessoal não o transformou em

algo tão tirânico e desumano quanto aqueles que o traíram. Essa reflexão demonstra a complexidade dos dilemas éticos: a busca por reparação dos males do passado pode, paradoxalmente, criar novos ciclos de dor e perda.

No âmbito existencial, a transformação de Dantè também suscita uma profunda reflexão sobre a identidade e a possibilidade de redenção. Ao abandonar sua antiga identidade e renascer como Conde, ele se distancia de seu passado e, simultaneamente, se aprofunda em um caminho de autoconhecimento e de confronto com os próprios demônios. Essa jornada interna, permeada por dúvidas e arrependimentos, ressalta a ideia de que a verdadeira mudança não se restringe à vingança, mas exige um profundo reequilíbrio moral, onde a capacidade de perdoar e de transcender o ódio se torna fundamental para a reconquista da própria humanidade.

Em suma, a análise do personagem Edmund Dantè em *O Conde de Monte Cristo* revela um complexo emaranhado de dilemas éticos e existenciais. Sua transformação de jovem inocente a um agente de justiça implacável ilustra não apenas o impacto devastador da traição e da injustiça, mas também a intrincada luta interna que se impõe quando se busca reequilibrar o senso de justiça pessoal com a necessidade de preservar a própria integridade moral. Essa tensão entre a justiça e a vingança, entre a liberdade e o destino, faz de Dantè uma figura atemporal, cuja história continua a ressoar com leitores que se identificam com os paradoxos e as contradições inerentes à condição humana.



O SILENCIO DAS HORAS MORTAS

A chuva caía fina sobre a cidade adormecida, pintando sombras distorcidas nas vielas escuras. O relógio da igreja marcava três da manhã quando Helena abriu os olhos, sufocada pela presença do vazio. A cama ao seu lado estava fria, o espaço onde Miguel deveria estar permanecia intocado.

Desde aquela tarde maldita, a ausência dele era uma ferida aberta, um corte invisível que sangrava a cada segundo. O telefone tocara às 16h23. Era um número desconhecido. A voz do outro lado era impersonal, ensaiada, carregando consigo a sentença que despedaçaria seu mundo.

— Senhora Helena Rocha? Precisamos que compareça ao Instituto Médico Legal.

O resto das palavras se perdera em um zumbido distante. A caminhada até lá foi um borrão de passos vacilantes e murmúrios. Ao chegarem, mostraram-lhe um corpo pálido, coberto por um lençol branco. Miguel. Seu Miguel. Um acidente, disseram. Um carro fora de controle, um impacto violento, morte instantânea.

A cidade seguiu seu ritmo indiferente, mas para Helena, tudo se



tornou um eco sem sentido. Amigos ofereceram condolências vazias, os dias passaram em um ciclo de luto e lembranças esmagadoras. O cheiro de café pela manhã era insuportável, pois era ele quem preparava. O espaço no sofá ao seu lado parecia um abismo. O silêncio da casa gritava sua dor em um tom surdo e esmagador.

Helena começou a definhar. O corpo magro, os olhos fundos, a alma ausente. A vida sem Miguel era um tormento contínuo, uma travessia sem destino. O tempo se tornou um peso cruel, arrastando-se com lentidão torturante. Dormia pouco, comia menos. O relógio da parede se tornara seu único companheiro, marcando as horas mortas de sua existência.

Numa noite especialmente fria, quando a lua era apenas um reflexo pálido no céu sem estrelas, He-

lena tomou uma decisão. Vestiu-se com o vestido azul que Miguel tanto amava, calçou os sapatos que usara no primeiro encontro e caminhou até a ponte sobre o rio. O vento gelado chicoteava seu rosto, mas ela não sentia mais nada. Apenas a melancolia avassaladora.

Olhou para a água escura abaixo, sentiu o peso do passado puxando-a para frente. O rosto de Miguel surgia em sua mente, como se estivesse ali, esperando-a. Sorriu, um sorriso pequeno, triste. E então, sem hesitar, deixou-se cair.

O impacto foi breve. O frio cortante a envolveu, arrastando-a para o esquecimento. Finalmente, o silêncio seria eterno. A dor cessaria.

E a cidade, indiferente como sempre, continuou a respirar, sem notar a ausência de mais um coração partido.

Anônimo

Todos os escritores que nos enviam seus textos podem escolher revelar o nome verdadeiro, deixá-lo em anonimato ou publicar um pseudônimo (Pseudónimo ou pseudônimo, é um nome fictício usado por um indivíduo como alternativa ao seu nome real).

atrocitadores

Conheça o site oficial do professor Valderi da Silva

www.valderi.com.br

Acesse—Leia—Seja Membro—Compartilhe

Siga no Instagram a página Valmi Projetos Gráficos e Comunicação
www.instagram.com/valmi.pgc

Acesse—Leia—Siga—Compartilhe

Siga no Instagram a página O Leitor-Informativo Literário
www.instagram.com/_oleitoroficial

Acesse—Leia—Siga—Compartilhe

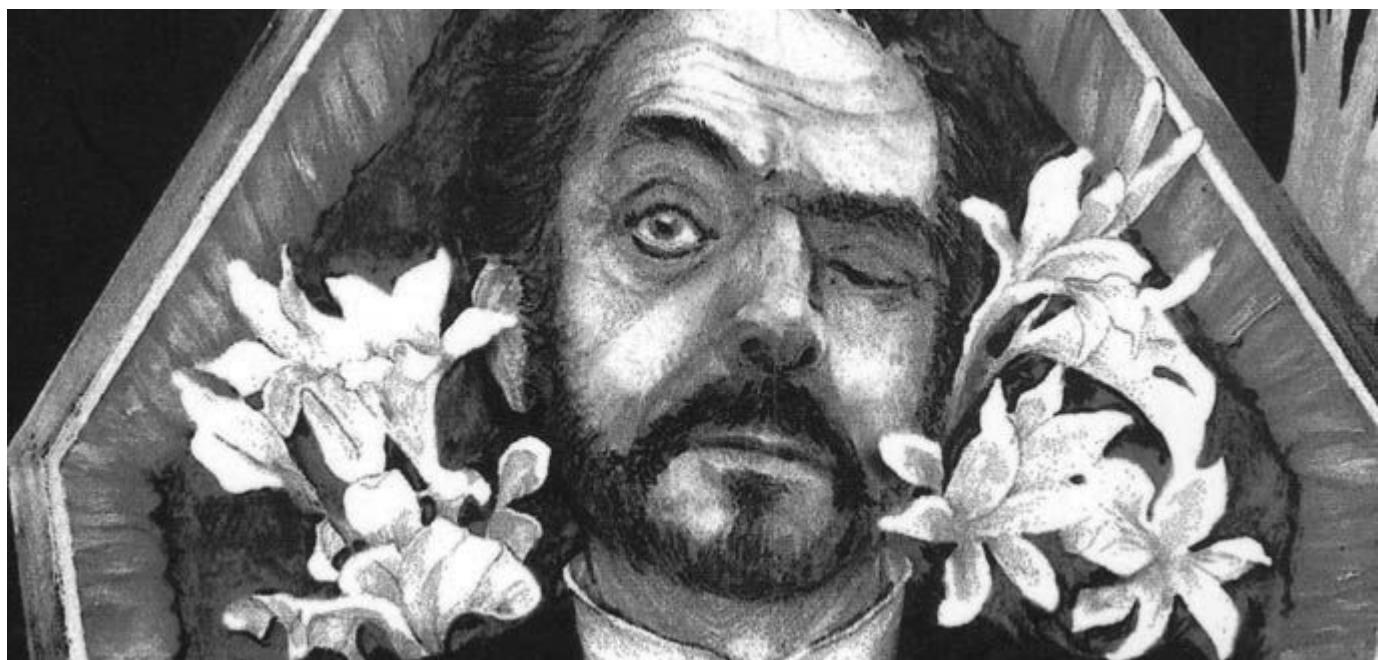
A RETROSPECTIVA DE BRÁS CUBAS

Tenho grande apreço por Machado de Assis, pois acredito que sua contribuição para a Literatura Brasileira foi muito além de incrementar as prateleiras da literatura universal, tenho minha opinião pessoal a cerca de que, suas obras trouxeram uma real possibilidade de evolução da língua portuguesa aqui no Brasil. Mas esta minha opinião ainda carece de maior estudo a cerca de tal afirmativa.

Já havia me aventurado pelas "Memórias Póstumas de Brás Cubas" (ASSIS, Machado de. Memórias

no fim da vida, revirou-se contra os políticos de então, desejando até publicar um jornal independente criticando e opondo-se as decisões políticas daqueles que eram investidos do poder.

Mas seu grande momento com certeza não fora a política, e sim o romance com a mulher de outrem, a linda Virgília lhe roubava o tempo e o espaço. Estava realmente apaixonado por esta senhora que era casada com o distinto Lobo Neves, também político que almejava a presidência da província. Virgília também



Póstumas de Brás Cubas. Editora Ática: São Paulo. 1997) no já longínquo ano de 1999, onde contava dezesseis anos de idade, uma idade boa para se aproximar de Machado de Assis. Confesso que naquele ano quase nada comprehendi deste romance, pois devemos confessar que a linguagem utilizada é para lá de formal, exemplo claro de um português segundos "as normas da lei" gramatical, além dos inumeráveis vocábulos que exigem de pessoas do nosso tempo (pelo menos a maioria!) várias consultas ao dicionário da língua portuguesa. Pois nesta segunda leitura que faço, depois de passados exatos dezesseis anos (curiosa coincidência...), posso ser mais digno de Machado de Assis e dizer-lhe que não consultei tanto como outrora o velho dicionário.

Neste livro o escritor faz uma curiosa narração da vida de um defunto, em que o narrador, que nos leva a esta retrospectiva é o próprio falecido, o tal Brás Cubas. Nos impressionantes 160 capítulos, Cubas nos vai revelando os momentos mais importantes e as pessoas que mais lhe valeram, positiva ou negativamente. Uma vida quase fidalga, sem o necessário labor para comer o pão de cada dia, visto ter nascido em família abastada. Num tempo em que a vida política era a meta da felicidade para muitos, Cubas também era empurrado para o palco da política. De fato, chegou a ser deputado no Rio de Janeiro, mas quase

estava confusa e aparentemente apaixonada por Cubas, o que levava os dois a se encontrarem sempre em segredo, no silêncio da residência de Lobo Neves, enquanto trabalhava, ou na cumplicidade de uma casinha num parque, zelada pela Dona Plácida. Este romance não teve final feliz para Cubas, visto suas possibilidades mínimas. Mas fez-lhe perder o tempo, gastar-lhe os anos, sem casar e sem filhos. Este será o saldo final do já falecido.

"Memórias Póstumas de Brás Cubas" levou-me no passado e agora a apreciar ainda mais nossa língua portuguesa. Já tendo dito que aos dezesseis anos li o primeiro livro de Machado, parece-me mais sensato não recomendá-lo a mentes mais novas. Um bom vinho se saboreia quando o paladar já tocou vários vinhos. Machado de Assis também se desvela em sua grandeza e fascina quando já se percorreu uma jornada de leitura.

Adaptação do texto publicado originalmente em www.valderi.com.br em 08/05/2015.

Valderi da Silva
valderi@valderi.com.br

FANTOCHES

E OUTROS CONTOS

Publicado originalmente em 1977, *Fantoche e Outros Contos* é uma coletânea de histórias do renomado escritor brasileiro Érico Veríssimo. Conhecido por suas narrativas marcadas pela sensibilidade e pela análise crítica da sociedade, Veríssimo demonstra, nesta obra, seu talento para a criação de contos que exploram as complexidades da existência humana, a fragilidade das relações interpessoais e as contradições do comportamento humano.

A coletânea reúne narrativas de diferentes momentos da carreira do autor, refletindo a maturidade literária que o consolidou como um dos grandes nomes da literatura brasileira. Nos contos, Veríssimo constrói personagens cativantes e enredos que oscilam entre o humor sutil e a melancolia profunda. Com uma escrita fluida e acessível, ele aborda temas universais como a solidão, o destino, a moralidade e a passagem do tempo, sem abrir mão de sua visão crítica e irônica sobre a sociedade.

O conto que dá nome ao livro, *Fantoche*, sintetiza a visão do autor sobre a condição humana, trazendo reflexões sobre a liberdade, o controle e a inevitabilidade de certos acontecimentos. Como um mestre na arte da narrativa curta, Veríssimo trabalha com diálogos envolventes e descri-



ções precisas, permitindo que o leitor se conecte de imediato com seus personagens e suas angústias.

Além de *Fantoche*, a coletânea apresenta uma variedade de histórias que transitam entre diferentes estilos e abordagens, revelando a versatilidade do escritor. Seja por meio de situações cotidianas ou acontecimentos extraordinários, Veríssimo convida o leitor a refletir sobre os dilemas da vida e as nuances das emoções humanas. A ironia refinada e o olhar sensível do autor garantem que cada conto traga não apenas entretenimento, mas também uma experiência literária enriquecedora.

A obra é um testemunho da habilidade de Érico Veríssimo em traduzir, com simplicidade e profundida-

de, os aspectos mais complexos da alma humana. Seus contos capturam momentos efêmeros e sentimentos intensos, tornando-se retratos atemporais da condição humana. *Fantoche e Outros Contos* é, portanto, uma leitura essencial para os admiradores da literatura brasileira e para aqueles que buscam histórias que, além de entreter, proporcionam uma imersão na riqueza do universo narrativo de um dos mais importantes escritores do Brasil.

Equipe O Leitor



Apoio e divulgação:

VALMI

Projetos G. e C.

fb.com/valmi.projetos

Instagram.com/valmi.pgc



Organização:

Societas Libri

Sociedade de Literatura

twitter.com/LibriSocietas

Instagram.com/Societas.Libri

Seja um patrocinador desta iniciativa cultural. Entre em contato conosco pelo e-mail:

oleitor.info@gmail.com

Ou faça a assinatura mensal pelo link
www.oleitor.info/assinatura

DUAS MULHERES MACHADIANAS

Em Dom Casmurro, Capitu é apresentada por meio de uma narrativa em primeira pessoa, contada por Bentinho, cuja visão pode ser parcial e carregada de preconceito. Seus "olhos de ressaca" se tornaram símbolo de uma personalidade enigmática e ambígua, desafiando interpretações simplistas.

A própria dúvida sobre sua fidelidade e a possibilidade de traição a transformam em um objeto de discussão literária. Essa incerteza não é apenas um traço da personagem, mas também reflexo das fragilidades e inseguranças de uma sociedade que tenta impor um padrão de moralidade rígido. Capitu, assim, emerge como uma mulher complexa, dotada de inteligência e profundidade, cuja suposta transgressão está sempre sujeita à interpretação do narrador.

A construção de Capitu permite a Machado de Assis explorar as contradições do pensamento patriarcal e os limites da narrativa de memória, onde o olhar masculino, possivelmente enviesado, questiona o papel e a conduta feminina. Ela é, portanto, um símbolo da luta entre a aparência e a realidade, um convite à dúvida e à reflexão sobre os preconceitos sociais.

Em Esaú e Jacó, Guiomar assume o papel de figura central no triângulo amoroso que envolve os gêmeos. Diferentemente de Capitu, sua apresentação é menos filtrada por um narrador singular e carregada de suspeitas, o que a torna, à primeira vista, uma personagem mais "objetiva" e, até certo ponto, idealizada.

Guiomar representa o ideal romântico e o destino, atuando como um elo que une os conflitos internos dos personagens masculinos e as expectativas da sociedade. Sua beleza e graça estão associadas a um simbolismo de pureza e de desejo, embora não se possa ignorar as sutilezas que Machado de Assis emprega para revelar as contradições internas da personagem. Ao mesmo tempo em que parece encarnar a mulher ideal, ela também serve de espelho para as ambivalências do próprio destino dos protagonistas, revelando os limites entre a idealização e a realidade.

Enquanto Capitu desafia o status quo ao assumir uma postura de mistério e autonomia – mesmo que ambígua –, Guiomar, por meio da idealização, reflete as expectativas e pressões sociais impostas às mulheres. Ela é, em parte, um constructo do imaginário coletivo, cuja imagem se alinha com os ideais românticos, mas que, em última análise, permite a Machado de Assis fazer uma crítica sutil à rigidez dos papéis sociais.

Capitu é vista através do olhar possivelmente distorcido de Bentinho, o que acentua sua ambiguidade e a torna objeto de dúvidas incessantes. Guiomar aparece numa estrutura narrativa mais plural, onde suas características são expostas de maneira menos sub-

jetiva, ainda que permeadas por simbolismos.

Capitu é essencialmente ambígua, convidando à interpretação sobre sua moral e intenções, o que a torna um enigma literário e uma crítica à confiabilidade da memória e da narrativa masculina. Guiomar, por sua vez, representa uma idealização que, embora carregada de nuances, se ancora em um modelo romântico que tanto atrai quanto submete suas personagens à lógica do destino e do ideal social.



A personagem de Capitu desafia as convenções ao sugerir uma possível transgressão dos padrões morais impostos, simbolizando a complexidade da condição feminina. Guiomar, ainda que também possua traços que transcendem a mera idealização, é usada para ilustrar as contradições e os conflitos entre o desejo pessoal e as imposições sociais, funcionando como catalisadora do drama dos personagens masculinos.

Capitu e Guiomar são expressões distintas da mulher machadiana. Enquanto Capitu encarna a ambiguidade, o mistério e a resistência aos estereótipos através de sua complexidade emocional e moral, Guiomar representa uma idealização romântica que, apesar de seu simbolismo, não escapa dos dilemas impostos pela sociedade. Ambas, no entanto, revelam a habilidade de Machado de Assis em construir personagens femininas que, longe de serem unidimensionais, funcionam como instrumentos de crítica social e reflexão sobre os papéis de gênero, a moral e a narrativa literária de sua época.

Valderi da Silva
valderi@valderi.com.br